Globethics Repository



Angústia e violência: um paradoxo contemporâneo [Anxiety and violence: a contemporary paradox]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-11 00:43:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161000

prudência, ao fazer constatações generalizadas, uma vez que precisamos tratar cada caso em sua singularidade. Mas creio que algumas observações são inevitáveis. Na minha experiência de trabalho com adolescentes delinquentes, percebo que, com frequência, o discurso materno desqualifica a função paterna. Costumo dizer que estes jovens estão encarcerados no continente materno, o que já é uma violência imposta ao sujeito, uma vez que é a função paterna que possibilita a saída deste continente, portanto, é libertadora. Da mesma forma, a função paterna abre as vias para o sujeito do desejo, o que implica na renúncia de ser o objeto de desejo materno. Renúncia que deve ser operada tanto pela mãe quanto pela criança. O que pode estar contribuindo, como fator agravante, é que no discurso da pós-modernidade encontramos um grande estímulo ao ideal de completude, investido, por sua vez, em objetos de realidade. A pós-modernidade se conduz no discurso do ideal de completude, na supressão da falta, reenviando, então, ao continente materno.

IHU On-Line - Que relação você traçaria entre desejo e violência, e entre a constituição do sujeito, a formação do objeto, e a passagem na criança da necessidade à demanda, e da demanda ao desejo?

Rosane de Abreu e Silva - Traria aqui, como exemplo, o que os jovens inseridos na questão da delinquência nos fazem escutar quando justificam sua transgressão ou violência. Há, constantemente, a demanda de um outro, que o impulsionou a esta prática. Então, que demanda é esta que ele anuncia? De que outro ele nos fala? Não há, neste ponto, reconhecimento de um outro, mas sim a presença de um grande Outro de uma suposta demanda. Demanda de suprimir o objeto, seja pelo aniquilamento ou pela subtração. Cumpre-se então, a demanda de fusionar com o objeto primário. É o que parece se colocar em cena nesta questão. Enquanto submetido a esta suposta demanda, não encontramos aí a possibilidade de enunciação para o sujeito do desejo.

Angústia e violência: um paradoxo contemporâneo

Discurso dominante convida sujeito a consumir e gozar, sem adiar. Além disso, a angústia pela falta de referências e estrutura de interdição é camuflada por violência gratuita, que parece não possuir motivo ou sentido, afirma psicanalista Margareth Kuhn Martta

Por Márcia Junges

Por um lado, "um sentimento de angústia avassalador, ocasionado pela falta de referências e declínio de uma estrutura de interdição", por outro, "os ideais contemporâneos que levam o sujeito à tentativa de suprimir qualquer vestígio de angústia que advenha do seu existir". Esse é o paradoxo ao qual o sujeito está submetido em nossos dias, observa a psicanalista Margareth Kuhn Martta na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Os efeitos de cada um desses polos têm na violência, provavelmente, sua concretização. "O discurso dominante que faz laço social na contemporaneidade convoca o sujeito a consumir, a gozar, a não adiar; a norma está no desafio, no abuso, na transgressão", assinala. A particularidade da violência atual é a gratuidade, cujos gestos parecem não ser movidos por motivo ou sentido. Martta constata: "Esse tipo de violência faz pensar na ideia do ato violento como testemunha da falência do simbólico na vida do ser humano". Para ela, "a violência é um sintoma social na contemporaneidade".

Graduada em Psicologia, pela Universidade Santa Úrsula (USU), no Rio de Janeiro, é especialista em Psicologia Psicopatologia e Técnicas Terapêuticas, pelo Centro de Estudos de Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA), em Porto Alegre. Também possui especialização em Psicologia Clínica, pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP), também na capital gaúcha. É mestre em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a dissertação *Violência e angústia: uma perspectiva de compreensão das interações no contexto contemporâneo*, e doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade de Caxias do Sul (UCS), é autora de *Violência e angústia* (Caxias do Sul: EDUCS, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação entre violência e angústia?

Margareth Kuhn Martta - A contemporaneidade revela uma dupla face nesta interrelação, ou seja, um paradoxo, que se mostra, por um lado, como um sentimento de angústia avassalador, ocasionado pela falta de referências e declínio de uma estrutura de interdição. E, por outro lado, os ideais contemporâneos que levam o sujeito à tentativa de suprimir qualquer vestígio de angústia que advenha do seu existir. Os efeitos decorrentes tanto de uma face como de outra têm como consequência provável a violência.

IHU On-Line - Esse binômio é constitutivo do sujeito pós-moderno?

flash.indd 22 22/6/2009 16:02:19

Por quê?
Margareth Kuhn Martta - Porque cada época da cultura constrói subjetividades diferentes. O discurso dominante que faz laço social na contemporaneidade convoca o sujeito a consumir, a gozar, a não adiar; a norma está no desafio, no abuso, na transgressão.

IHU On-Line - Por que a publicidade perde seu objetivo e dá origem a uma legião de deprimidos e delinqüentes?
Margareth Kuhn Martta - Essa ideia é de Toscani,[1] no seu livro *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Ele afirma que, de tanto querer nos vender a felicidade, a publicidade acaba criando uma legião de frustrados. De tanto provocar desejos que derivam em decepções, a publicidade perde o objetivo e dá origem a deprimidos e delinquentes.

IHU On-Line - Em que medida esse mal-estar é sintomático da crise da modernidade?
Margareth Kuhn Martta - Freud, no seu texto de 1930 *O mal-estar na cultura*, diz que o mal-estar é gerado por uma instância que possibilita ao homem o reconhecimento de um limite, uma finitude. Penso que o mal-estar na contemporaneidade origina-se justamente da tentativa de tentar aboli-lo, pois os ideais contemporâneos tendem ao não reconhecimento do limite, da interdição.

IHU On-Line - A violência é fundante em nossa cultura? Por quê?
Margareth Kuhn Martta - Penso que a violência é um sintoma social na contemporaneidade. O sintoma social expressa a manifestação de algo que a ordem social não consegue incluir. A sociedade oferece um lugar para aquilo que a cultura não é capaz de simbolizar, e que vai emergir em ato, como modo do real se impor. Então, no laço social, o sintoma seria aquilo que o saber ainda não deu conta e insiste em se manifestar marcando época.

IHU On-Line - Como a falsa ideia de infinitude, a desvalorização da subjetividade e a falta de interdição colaboram para sedimentar essa violência?
Margareth Kuhn Martta - Porque, para a construção de uma subjetividade que tenha como fruição uma conduta eticamente aceitável, é necessário que o sujeito reconheça seus limites, aceitando o que é inerente ao ser humano: a falta. Assim, poderá assumir uma posição simbólica e interagir com o outro de modo ético.

IHU On-Line - Por que a violência contemporânea é diferente daquelas outras que até hoje se apresentaram?
Margareth Kuhn Martta - Temos presenciado na contemporaneidade cenas de violência que trazem consigo certa particularidade: são atos de violência que se definem como gratuitos, são aparentemente sem motivo e sem sentido. Esse tipo de violência faz pensar na ideia do ato violento como testemunha da falência do simbólico na vida do ser humano.

IHU On-Line - De que forma o delírio de autonomia se apresenta na constituição dos jovens de nossa época?
Margareth Kuhn Martta - Quando o grupo se torna mais importante que a hierarquia familiar,o que vem dos pais não tem valor simbólico; as interdições tomam a autoridade como manifestação de violência. Consequentemente, a reação também será violenta. A herança não é mais considerada, nem os exemplos e princípios morais, mas os bens materiais, o dinheiro. Na esteira das relações simbólicas que apontam uma hierarquia e uma verticalidade nos relacionamentos, encontramos a espera pelo jovem de um dia vir a ocupar esse lugar. Ao contrário nas relações horizontais, não há espera: quem está na frente precisa sair, dar lugar, nem que para isso o recurso seja a violência.

IHU On-Line - Dentro desse contexto, como podemos compreender o fenômeno Bullying[2]?
Margareth Kuhn Martta - O fenômeno Bullyng, crescente no meio escolar, aponta para o laço social vigente na contemporaneidade: a perversão. Nesse fenômeno encontramos o não reconhecimento do outro como semelhante, o não reconhecimento da alteridade, a falta de empatia.

1 **Oliviero Toscani** (1942): fotógrafo italiano, que inventou campanhas publicitárias polêmicas para a marca italiana Benetton durante os anos 90. **(Nota da IHU On-Line)**

2 **Bullying:** termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully* ou "valentão") ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender.**Também** existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de *bullying* pela turma. (Nota da **IHU On-Line**)

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009
INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

flash.indd 23 22/6/2009 16:02:20